

O “CERRO DE LA NEBLINA” SERIA UM PICO DA SERRA DO CABURI

RICARDO DE LEMOS FRÓIS

Explorador botânico
do Instituto Agrônômico do Norte

Uma turma de botânicos do New York Botanical Garden vem, há vários anos, desenvolvendo intenso trabalho de exploração botânica na região conhecida por “Guayana”, situada no norte da América do Sul e abrangendo principalmente a porção setentrional da Amazônia, próximo às fronteiras Brasil-Guianas-Venezuela-Colômbia.

Como produto desse trabalho de exploração, o Dr. BASSET MAGUIRE acaba de publicar interessante trabalho sobre a descoberta de um portentoso acidente geográfico que chamou “Cerro de la Neblina”, em vista do cume desse pico estar sempre envolto pelas nuvens, devido à sua extraordinária altitude, cênica de 8 000 a 9 000 pés (2 600 a 3 000 metros), fato cujo registro é incomum, em se tratando da topografia da região amazônica (*The Geographical Review*, vol. 45, n.º 1: pp 27-51, 1955).

Esse interessante e minucioso trabalho veio reforçar e comprovar as informações por mim trazidas quando levei a efeito uma das minhas excursões botânicas àquela região, em princípios de 1952, observações essas que não foram ainda publicadas, porém constam do meu relatório e trabalhos, desse ano, executados na Seção de Botânica do Instituto Agrônômico do Norte. As invulgares observações por mim relatadas, da existência de uma serra com cerca de 3 000 metros de altitude na Amazônia, foram consideradas como fatos realmente muito extraordinários, quando discuti esses assuntos com alguns amigos, com o então diretor do Instituto Agrônômico do Norte, Dr. FELISBERTO C. CAMARGO, com o chefe da Seção de Botânica do I A N e o Dr. TH DOBZHANSKY, que tem a Amazônia como um dos seus prediletos campos de estudo. No entanto, tinha ao meu lado, para corroborar minhas informações, o testemunho do comandante do avião da Panair do Brasil.

Os dados constantes do trabalho do Dr. MAGUIRE são documentos que comprovam aquelas informações por mim feitas em 1952, se bem que, de minha parte, conservo ainda a convicção de que a serra recém-descoberta e batizada por “Cerro de la Neblina” não era inteiramente estranha aos conhecimentos dos nativos naquela região e deve corresponder a um pico da serra do Caburi. Mesmo que esses nativos não possam fornecer dados preciosos sobre sua posição, altura e extensão, o acidente geográfico faz parte de suas tradições lendárias. A primeira vez que me impressionou esse acidente geográfico, foi em 1947, quando subi o rio Branco para juntar-me, como botânico, à Comissão Demarcadora de Limites (1.ª Divisão, Setor Norte). Nessa época realizava-se a demarcação das fronteiras da Venezuela com o Brasil, no território federal do Rio Branco.

Dessa feita, demorando-me em Caracará (Rio Branco), entretimentos a viagem para Boa Vista, realizei algumas penetrações nos campos daquela loca-

lidade, para coleta de plantas. Dali tive ocasião de observar, ao norte, nas manhãs e tardes de céu sem nuvens, um majestoso horizonte sinuoso do qual não pude mais me esquecer, lembrando paisagens dos Andes bolivianos com elevações tais como Illimani, um Illampo ou Potosi, como os vi quando dos meus dias de excursão andina em 1938.

O quase fabuloso bloco de rocha divisado no horizonte a distância, afigura-se-nos como uma sombra ou elevação de cúmulos. Uma observação melhor indica, no entanto, se compararmos as linhas de sua forma, tratar-se de uma montanha, por causa da invariabilidade de imagem e sinuosidade de seus contornos. É deveras um panorama majestoso, custando-se a crer na existência de montanha tão portentosa na Amazônia e que lembra tanto uma paisagem andina.

O pico, recentemente descrito pelo Dr. MAGUIRE, com a denominação de "Cerro de la Neblina", é a elevação mais próxima do rio Negro de todo esse sistema e parece constituir diretamente a origem dos drenadores de toda a região ao norte desse rio.

A serra do Caburi é um retalho do sistema Roraima-Duida-Parima, portanto uma relíquia do velho continente guianense que, sem dúvida, irá revelar-nos, no futuro, um mundo de surpresas para a ciência, muito particularmente no campo da botânica, como uma nova província florística da Amazônia que os americanos estão chamando "Lost World".

A serra do Caburi, de encostas inacessíveis com alcantiladas cavernas que se debruçam para o lado do rio Negro, merece muito da nossa atenção. Os cumes Cupi, Imeri, e Catrimani, que formam a cadeia sul a sudeste, têm sido pontos visados nas penetrações. Os rios Daraá, Caburi, Demeni e Padauri já foram explorados em tempos passados pelos locais, em busca de acesso à montanha Caburi, sem grande êxito, por causa dos índios bravios que dominam a região.

Dada sua majestosidade, com cavernas e encostas que impedem as penetrações e a ascensão, as primeiras incursões se limitavam às quebradas de sua base, até onde domina a floresta que é rica das melhores espécies úteis da Amazônia. Sabe-se no entanto que dentre suas muitas espécies úteis salienta-se a "balata", produtora da goma que, em eras remotas, nos dias áureos da Amazônia, tanto interesse despertou na vida comercial da região do rio Negro. Toda aquela região, de vasta e soberba floresta, que se estende do rio Branco ao canal do Caciquiare, sempre esteve sob o domínio das tribos selvagens que ali residem e que nunca permitiram a invasão dos seus territórios, tanto no Caburi quanto em toda a extensa área ao norte do médio rio Negro.

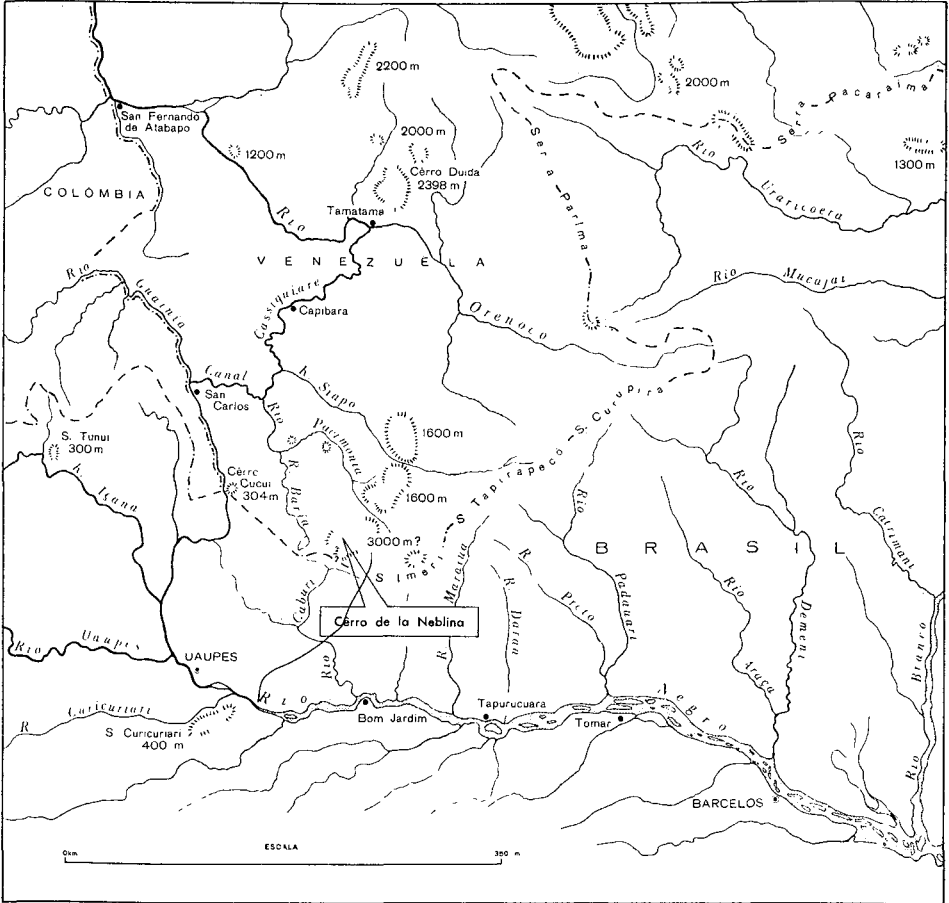
Apesar das muitas excursões de botânicos ao rio Negro, algumas de relevante importância, quase todas elas têm atingido apenas as áreas mais próximas das margens dos grandes rios, limitando-se, muitas vezes, à parte inferior das barreiras das cachoeiras.

Nessa área, de difícil acesso, eu próprio já levei a efeito explorações nos rios Padauri, Prêto, Demeni, Daraá e canal do Caciquiare.

O nosso primeiro reconhecimento da gigantesca montanha, foi feito quando voávamos de Tapuruocara (antiga Santa Isabel), para a localidade Mer-

cês, num dos "Catalinas" da Panair do Brasil, a 12 de maio de 1952, avião PP-PCX, vôo 075, conduzido pelos pilotos RICHER e MÁRIO JUCÁ

Olhando-se para o norte, da localidade Bom Jardim, vislumbra-se a serra do Caburi como que uma tênue coluna de fumaça que se esvai no espaço, isso apenas em manhãs e tardes de céu claro, o que raramente acontece



Anteriormente, no propósito de melhor descortinar a serra do Caburi, certa feita, subi várias serras, tais como a do Cabari (no rio Negro, nas vizinhanças da serra de Curicuriari) a serra do Cucuí, na fronteira venezuelana e a seira de Tunuí, no alto rio Içana, porém nunca encontrei melhor ponto de visão do que em Caracará e Bom Jardim.

Fui informado no rio Negro de que, em eras passadas algumas expedições foram levadas a efeito nas encostas do Caburi, para a extração de balata que é muito abundante nas quebradas das serras, porém, foram suspensas essas atividades, logo que os exploradores tiveram encontros com os selvagens. Essas penetrações seguiram pelo rio Pacimoni e Chiapa, cujas cabeceiras terminam a curta distância das margens do rio Caburi e, segundo consta, a retirada teve de ser feita por êsse mesmo caminho, muito mais fácil, arrastando-se canoas por terra do que expondo-se aos inimigos no longo trecho através do igarapé Caburi.

Como exemplo da hostilidade entre brancos e selvagens, pode-se mencionar a chacina de três topógrafos do Exército americano que durante a última guerra mundial tentaram subir o Jauaperis, afluente do rio Branco, nas proximidades de Vila de Moura.

A ascensão para a fantástica serra, divulgada de Bom Jardim, foi que encorajou os balateiros, audazes habitantes do rio Negro, a essas tentativas, mesmo quando inseguros do êxito. Desde aqueles tempos de tais penetrações, a população da margem norte do rio Negro, desde as alturas de Castanheiro até São José, está exposta ao trucidamento pelos índios do Caburi. Dêsses ataques ainda restam escombros, como se verifica com os restos do palacete de "Tomar", à margem sul, mosaicada de artísticos ladrilhos belgas, com arremates de trabalhos de arte feitos por especializados operários europeus.

Uma das últimas tentativas para ver a serra do Caburi entrou em cogitação quando de uma excursão de estudos que fizemos àquela região, em companhia do Dr. TH. DOBZHANSKY, GEORGE O'NEILL ADDISON, C. PAVAN, H. SIOLI e E. CORDEIRO em 1952, sem os resultados esperados devido ao mau tempo, o que é comum naquela região dos céus do rio Negro.
